

Abílio Diniz quer volta do Conselho de Economia

- 3 AGO 1984

por Maria Helena Tachinardi
de São Paulo

O diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, Abílio dos Santos Diniz, propõe a volta, no próximo governo, do Conselho Nacional de Economia, extinto em 1967. A sugestão, segundo um assessor do empresário, foi submetida ao presidenciável Tancredo Neves, que a acolheu bem.

Este conselho, explica Diniz, seria um órgão de assessoria ao presidente da República integrado por economistas de diferentes tendências ideológicas, como estruturalistas e monetaristas. Diniz imagina, por exemplo, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen sentado ao lado de Maria da Conceição Tavares, Luiz Carlos Bresser Pereira, ou de Luiz Gonzaga Belluzzo e de dois ou três empresários profundamente conhcedores de economia. Também participariam do conselho um ou dois economistas ligados a sindicatos ou representantes dos trabalhadores, como Walter Barelli, presidente do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE).

IDEIA VIÁVEL

Diniz considera viável a recriação do Conselho Nacional de Economia com Tancredo na Presidência, "porque ele é um homem aberto ao diálogo, assim como seria com o doutor Aureliano. Pessoas que pensam assim são pessoas que têm segurança e aceitam com mais facilidade idéias colocadas por outros". O ex-ministro da Fazenda e membro do Conse-

lho Monetário Nacional (CMN), Octavio Gouvêa de Bulhões, considera boa a idéia da volta do Conselho Nacional de Economia. Bulhões e Diniz participaram do programa "Primeira Página", da Gazeta Mercantil, levado ao ar ontem à noite pela TV Gazeta. Diniz sugere ainda ao próximo governo "um CMN que funcione para valer, de corpo presente, e não por telefone, com participação de seus membros, os quais não apenas sirvam para homologar decisões".

Para o diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, o principal problema do País, hoje, é o emprego. "Não dá mais para pensar em crescimento econômico de 2 a 3% ao ano. Estamos pensando em algo ao redor de 7%, suficiente para dar emprego a 1,4 milhão de pessoas por ano. Se eu tenho 1,2 milhão de novos empregados por ano, vou poder absorvê-los e ainda trazer de volta ao mercado de trabalho cerca de 200 mil desempregados, dos 4 milhões que existem no País."

ALIMENTOS

Apesar de não achar que uma retomada do crescimento venha a aumentar os problemas inflacionários, Diniz está preocupado com a inevitável pressão no mercado de alimentos.

"Mas dizer que não se pode fazer retomada porque vai faltar alimentos é uma falácia", observa. "Estou preocupado com a nova safra que vai estourar no início do próximo governo", afirma Diniz. Em sua opinião, não deve faltar crédito farto e acessível para o plantio da próxima safra.